

4 Referências bibliográficas, glossário e mapas de citações

- AIRA, César. “Ars Narrativa”, in **Criterion**, nº 8, Caracas, Janeiro, 1994
- _____. “El Abandono”, in **La Hoja del Rojas**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires. nº 39, Setembro de 1992
- _____. “La nueva escritura”, in **Boletín nº8 del Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria**. Outubro de 2000
- BARTHES, Roland. **A preparação do romance I: da vida à obra**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005 a
- _____. **A preparação do romance II: a obra como vontade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005 b
- ANALAYO. **Satipatthana: the direct path to realization**, Birmingham: Windhorse, 2003
- BECKETT, Samuel. **Fim de partida**. Trad. Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2002
- _____. **Primeiro Amor**. Trad. e desenhos. Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac & Naify, 2004
- _____. **Waiting for Godot**. New York: Grove Press, 1994
- BINES, Rosana Kohl. “Criar com a infância”, apresentado no Seminário Estudos de Literatura: Criar sem limite? PUC-Rio, 20 e 21 de junho de 2011
- BODHI, Bikkhu. Org. **A comprehensive manual of Abhidhamma**. Trad. Mahathera Narada, Sri Lanka: BPS, 2010
- BORGES, Luiz Augusto Contador. Org e trad. **Ciranda dos libertinos** (Marquês de Sade). São Paulo: Círculo do Livro, 1992
- BUDDHAGOSA, Bhadantácariya. **The Path of Purification (Visuddhimagga)**. Trad. (Pali-Inglês) por Bhikkhu Ñānamoli. Kandy: Buddhist Publication Society, 2010
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2007
- CANDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1970
- CAPRA, Fritjof. **O tao da física – um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental**. São Paulo: Cultrix, 1993
- CASARES, Adolfo Bioy. **Borges**. Barcelona: Backlist, 2010
- CHKLOVSKI, V. (1973). “A arte como procedimento”, in **Teoria da Literatura; Formalistas Russos**. Trad. de Ana Mariza Ribeiro Filipouski, Maria Aparecida Pereira, Regina L. Zilberman e Antônio Carlos Hohlfeldt. Porto Alegre: Globo

- COELHO, Nelson. **Zen – experiência direta de libertação** Belo Horizonte: Itatiaia, 1978
- COMPARATO, Doc. **Roteiro – arte e técnica de escrever para cinema e televisão.** Rio de Janeiro: Nórdica, 1983
- DAVID-NEEL, Alexandra. **O budismo de Buda.** Trad. Vera Quirino dos Santos. São Paulo: Ibrasa, 1985
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica.** Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997
- DHAMMANANDA, K. Sri. **What Buddhists Believe.** Taipei : Buddha Educational Foundation, 1993
- DHAMMAPADA: a senda da virtude.** Trad. de Nissim Cohen (upasaka Dhammasari). São Paulo: Palas Athena, 2004
- DOSTOIEVSKI, Fiodor. **Notas do subterrâneo.** Trad. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003
- ECO, Umberto. **A vertigem das listas.** Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010
- FIELD, Syd. **Manual do roteiro – os fundamentos do texto cinematográfico.** Trad. Alvaro Ramos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade – a vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988
- _____. “Os recursos para o bom adestramento”, in **Vigiar e punir: história da violência nas prisões.** Trad. Ligia Ponde Vassalo. 2a edição. Petrópolis: Vozes, 1983
- _____. “Verdade e poder” e “Os intelectuais e o poder”, in **Microfísica do poder.** Trad. Roberto Machado Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões.** Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- GNARAMA, Pategama. **Essentials of Buddhism.** Singapura: Corporate Body of Buddha Edu. Foundation, 2000
- GORKOM, Nina Van. **Abhidhamma in daily life.** London: Zolag, 2010
- GRÜNNEWALD, José Lino (org e trad.) **A ideia do cinema.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969

- GYATSO, Tenzin. (14º Dalai Lama do Tibet) **Uma ética para o novo milênio**. Trad. Maria Luiza Newlands. Rio de Janeiro: Sextante, 2000
- HANH, Thich Nhat. “Os cinco agregados”, in **A Essência dos ensinamentos de Buda**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001
- _____. **Transformação e cura – o sutra sobre os quatro estabelecimentos da mente atenta**. Porto Alegre: Bodigaya, 2009
- HELDER, Herberto. **Os passos em volta**. Rio de Janeiro: Azougue, 2005
- HESSE, Hermann. **O lobo da estepe**. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Record, 2004
- HOLLANDA, Diana de. **O homem dos patos**. No prelo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012
- KOHAN, Walter O. “A infância da educação: o conceito devir-criança”, in **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- _____. “A infância escolarizada dos modernos”, in **Infância: entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003
- KORNFELD, Jack; BREITER, Paul (Orgs.) **Uma tranquila lagoa na floresta – meditações de Achaan Chah**. Trad. Cecília Casas. São Paulo: Pensamento, 1999
- LARROSA, Jorge. “O enigma da infância”, in **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. pp. 183-198
- LLOSA, Mario Vargas. “É possível pensar o mundo moderno sem o romance?” in **A cultura do romance**. Org. Franco Moretti. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009
- SAYADAW, Mahasi. **The progress of insight, a treatise on Satipatthana meditation**. Trad. Nyaponika Thera. Kandy, Sri Lanka: BPS, 1994
- MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrivão**. Trad. A.B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1982
- NIETZSCHE, Friedrich. “Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral”, in **Nietzsche – sobre verdade e mentira**. Org. e trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007
- _____. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- _____. **Genealogia da moral – uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2007
- PEREC, Georges. **Um homem que dorme**. Trad. Dalva Laredo Diniz. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

- PERRONE-MOISÉS, LEYLA. “Caeiro Zen”, in **Fernando Pessoa – alguém do eu, além do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982
- PESSANHA, Juliano Garcia. **Certeza do agora**. São Paulo: Ateliê, 2002
- PESSOA, Fernando. Ficções do interlúdio, in **O eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980
- RINPOCHE, Sogyal. **O livro tibetano do viver e do morrer**. Trad. Luiz Carlos Lisboa. São Paulo: Talento: Palas Athena, 1999
- RULFO, Juan. “El desafío de la creación”, in **Revista de la Universidad de México**, vol. XXV, outubro-novembro de 1980
- SAMTEN, Lama Padma. **A roda da vida: como caminho para a lucidez**. São Paulo: Peirópolis, 2010
- SASAKI, Ricardo. **A que escola pertença? – um guia para quem está se interessando pelo Buddhismo**. Belo Horizonte: Nalanda, 2004
- SILANANDA, Sayadaw U. **No inner core: an introduction to the doctrine of anatta**. Penang: Inward Path, 1999
- SOUZA ANDRADE, Fabio de. “Matando o tempo: o impasse e a espera”, in **Fim de Partida**. São Paulo: Cosac Naify, 2002
- SUMEDHO, AJAHN. **Now is the knowing**. Hemel Hempstead: Amaravati, 1989
- _____. **The four noble truths**. Hemel Hempstead: Amaravati, 1992
- SUZUKI, Shunryu. **Mente Zen, mente de principiante**. Trad. Odete Lara. São Paulo: Palas Athena, 1999
- TZU, Lao. **Tao-Te King – O livro do sentido e da vida**. São Paulo: Pensamento, 2004
- XAVIER, Ismail (org.) **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro, Graal/Embrafilme, 1983
- YOSHINORI, Takeushi (org). **A espiritualidade budista** vol. I São Paulo: Perspectiva, 2006
- _____. **A espiritualidade budista** vol. II São Paulo: Perspectiva, 2007

Disponíveis online:

BRAHMAVAMSO, Ajaan. *Os cinco obstáculos*. Disponível em: http://www.acessoainsight.net/arquivo_textos_theravada/obstaculos.php; último acesso: 6 de março 2012

_____. *Usando o não-eu na meditação*. Disponível em: http://www.acessoainsight.net/arquivo_textos_theravada/nao_eu.php; último acesso: 6 de março 2012

DHAMMADHARO, Ajaan Lee. *Fundamentos da atenção plena*. Disponível em http://www.acessoainsight.net/arquivo_textos_theravada/fundamentos_atencao.php; último acesso: 6 de março 2012

Alguns sutras

Alagaddupama Sutta (O apego às ideias):

<http://www.acessoainsight.net/sutta/MN22.php>; último acesso: 6 de março 2012

Anapanasati Sutta (A atenção plena na respiração):

<http://www.acessoainsight.net/sutta/MN118.php>; último acesso: 6 de março 2012

Anatta-lakkhana Sutta (As características do não-eu):

<http://www.acessoainsight.net/sutta/SNXXII.59.php>; último acesso: 6 de março 2012

Avijja Sutta (Ignorância): <http://www.acessoainsight.net/sutta/ANX.61.php>; último acesso: 6 de março 2012

Karaniya Metta Sutta (Amor Bondade):

<http://www.acessoainsight.net/sutta/SnpI8.php>; último acesso: 6 de março 2012

Mahanidana Sutta (O grande discurso da Origem Dependente):

<http://www.acessoainsight.net/sutta/DN15.php>; último acesso: 6 de março 2012

Satipatthana Sutta (Os fundamentos da atenção plena):

<http://www.acessoainsight.net/sutta/MN10.php>; último acesso: 6 de março 2012

Vitakkasanthana Sutta (A remoção de pensamentos que distraem):

<http://www.acessoainsight.net/sutta/MN20.php>; último acesso: 6 de março 2012

Filmes:

ALLEN, Woody. (1983) **Zelig**. 79 min. Preto e branco. Estados Unidos. Orion Pictures Corporation

BRESSON, Robert. (1977) **O diabo, provavelmente. (Le diable probablement)** 95 min. Cor. França, Sunchild e G.M.F

FELLINI, Federico. (1957) **Noites de Cabíria. (Le notti di Cabiria)** 110min. Preto e branco. Itália, França. Dino de Laurentiis Cinematografica, Les Films Marceau

HERZOG, Werner. (1974) **O enigma de Kaspar Hauser. (Jeder für sich und Gott gegen alle)** 110 min. Cor. Filmverlag der Autoren, Werner Herzog Filmproduktion e Zweites Deutsches Fernsehen (ZDF)

LYNCH, David. (1977) **Eraserhead.** 85 min. Preto e Branco. American Film Institute (AFI) e Libra Films

TARKOVSKI, Andrei. **Nostalgia (Nostalghia).** 125min. Cor. Itália, Rússia. Opera Film Produzione Rai Due (Rete 2 TV RAI), Sovinfilm (colaboração)

Outros:

Un par de vueltas por la realidad (vídeo): <http://www.youtube.com/watch?v=AS5yE-MClhk>

Ouvroir de Littérature Potentiel (site): <http://www.oulipo.net/>

Abhidhamma

Corresponde ao terceiro cesto do Cânone Pali, o Tipitaka. Os outros cestos, o Vinaya Pitaka e o Sutta Pitaka, dizem respeito respectivamente à ética (Sila) e à meditação (Bhavana). O Abhidhamma seria o mais elevado deles, por conter os ensinamentos da sabedoria.

O Abhidhamma consiste de 7 livros:

Dhammasangani – Enumeração dos dhammas (no caso, da ética budista); descreve os oitenta e nove elementos mentais e quarentas funções mentais (dividindo-as entre neutras, benéficas ou não-benéficas) que constituem a experiência humana. *Vibhanga*: Esse livro esclarece os discursos do Sutta Pitaka. *Dhatukatha*: Discute os grupos, as bases e os elementos da existência. *Puggalapaññatti*: A obra oferece um extenso exame sobre os tipos de pessoas (Puggala) encontrados nos sutras. *Kathavatthu*: Em forma de perguntas e respostas, uma coleção de perguntas que distingue a Theravada como a escola mais importante do Budismo. (Essa obra, junto ao Patthana) não é atribuída a Buda. *Yamaka*: O livro examina trechos de conceitos mediante perguntas e respostas. *Patthana*: O livro das Relações Condicionais. Na obra, uma relação de vinte e quatro condições sobre como os fenômenos materiais e mentais se inter-relacionam.

Akaliko

Atemporal e acessível pela experiência imediata: aqui e agora.

Akusala

Não benéfico. Quaisquer vontades, consciências ou fatores mentais acompanhados pela sede/desejo (Lobha), raiva/aversão (Dosa) ou ignorância (Avijja). *Oposto de Kusala*.

Anatta

A negação de Atman: alma ou essência. Traduzido como: não-eu, não-ego, impessoalidade. Doutrina budista que compõe uma das Três Características da existência – e uma das peculiaridades do budismo (que o distingue da maior parte dos

sistemas filosóficos ou religiosos). O homem seria um arranjo efêmero dos Cinco Agregados que atuariam em interdependência causal com outros homens-arranjo. É considerada a doutrina mais difícil de entender no budismo, devido ao apego à noção de eu (arraigado no pensamento cotidiano). Para captar realmente esta verdade, contemple-se o não-eu (*anatta-nupassana*) até atingir o insight que levaria a essa sabedoria.

Anicca

Impermanência. Uma das Três características da Existência. (Exceto o Nirvana seria permanente.) Não devemos entender apenas como a impermanência grosseira – isto é, a percepção de que envelhecemos ou a natureza é instável –, e sim como o desmanchar de qualquer continuidade. Ao quebrar a ilusão de continuidade, ao olharmos para um fenômeno material ou mental, percebemos nele o composto de causa e condição.

Arahant(Arahat)

Usado no Budismo Theravada para “o merecedor” e “o consumado”. O estágio final do progresso espiritual, dividido em quatro etapas: 1) Sotapanna, aquele que entrou na correnteza 2) Sakadagami, “o que retorna uma vez” 3) Anagami, “o que não retorna” e 4) Arahant. As etapas não se relacionam a idade nem sexo.

Asankhata

O não-condicionado, o não-construído.

Avijja

Ignorância, delusão, engano. Sinônimo de Moha. Considerada a principal causa do sofrimento no mundo, visto que impede a visão clara da *verdadeira natureza dos fenômenos (anatta, anicca e dukkha)*. Ignorância nada se relaciona com o saber intelectual, não tange ao domínio de informações e conceitos.

No Avijja Sutta, desmembramos a Ignorância em Cinco obstáculos (*ver Nivarana*). A Ignorância deriva desses obstáculos e manivela os demais elos na Roda da Vida. No Mahanidana Sutta, Ananda se aproxima de Buda e exclama o quanto para ele esse processo interdependente é claro e simples, tal como a luz do dia. Ao passo que Buda alerta Ananda para não repetir isso, pois devido à ignorância desse processo os

seres perambulam confusos e dão continuidade à bola de neve de sofrimento. A visão correta conduziria à seguinte conclusão: “Com a cessação da ignorância, cessam as formações; com a cessação das formações, cessa a consciência; com a cessação da consciência, cessa a mentalidade-materialidade; com a cessação da mentalidade-materialidade, cessam as seis bases; com a cessação das seis bases, cessa o contato; com a cessação do contato, cessa a sensação; com a cessação da sensação, cessa o desejo; com a cessação do desejo, cessa o apego; com a cessação do apego, cessa o ser/existir; com a cessação do ser/existir, cessa o nascimento; com a cessação do nascimento, envelhecimento e morte, tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero cessam. Assim é a cessação de toda essa massa de sofrimento.”

Ayatana

Base dos sentidos. Internas: olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente. Externas: formas, sons, cheiros, sabores, objetos tangíveis, dhammas.

Bhava

Tornar-se; o processo de existência.

Bhavana

Desenvolvimento da mente.

Bojjhanga

Os sete fatores de iluminação: 1. Atenção plena (*sati*) 2. Investigação dos fenômenos (*dhammavicaya*) 3. Energia (*viriyā*) 4. Êxtase (*pīti*) 5. Tranquilidade (*passaddhi*) 6. Concentração (*samadhi*) 7. Equanimidade (*upekkhā*)

Buda

O “desperto”; o “iluminado”. Aquele que se liberta. O Buda, após atingir a iluminação, permanece no mundo até que sua vida física dure; depois, a relação com o mundo do espaço e tempo é extinta.

Cattaro Mahabhutani

Os quatro elementos.

Terra (Pathavidhatu) corresponde à solidez à dureza (e à falta de ambos); o contato com as partes do corpo depende do elemento terra. Através do contato partilhamos da sensação física de outros fenômenos materiais. A terra sustenta a coexistência dos fenômenos materiais. Em Pali, Pathavi deriva de expandir. Ao traçar as turbulências do processo de morrer, Sogyal Rinpoche mostra como os elementos se dissolvem na nossa forma material. O primeiro deles, a terra. Um corpo não provido de energia, que já não mais se dispõe a levantar. Costelas espremidas por um coro de paralelepípedos. Um corpo nostálgico de cor, rosto sugado ao subjacente: ossos. Quando a terra não serve mais de base, o elemento plataforma se torna a água.

Água (Apodhatu) equivale no nosso corpo às manifestações líquidas. No corpo do mundo, as chuvas os oceanos, o capaz de inundar e fundir. Água como elemento indutor da fluidez e da coesão. Não reconhecível, quanto aos últimos traços, senão pela mente. No processo de morte, quando a terra se esvai assume a água como condição tremeluzente. Momento em que já não se detém controle dos fluidos. Secreções, urina, *secura secura*. A sensação equivaleria à de afogamento. Sensações se arregaçando entre extremos. Ao desvanecer como base, o elemento que assume é fogo.

Fogo (Tejodhatu) representa a temperatura (calor ou frio dizem respeito à experiência do fogo). Conserva a característica de amadurecer cortar interromper rasgar os demais fenômenos materiais. O elemento fogo responde à digestão ao envelhecimento, ao que queima ao combustível. Quando, no processo de morte, assume o lugar de apoio, se envolve de uma fumaça que converte em áridos todos os fluidos. O corpo se desprende do calor, não mais habilidade para comer beber perceber lembrar. Neblina legítima de um incêndio indecomponível. Assim, o elemento ar passa a ladrilhar a existência.

Ar (Vayadhatu), o dispositivo do movimento e da pressão. Engenhando o rodar dos demais fenômenos materiais. A experiência do ar é tangível; como os arrepios que percorrem o corpo, como a inspiração e a expiração. No corpo do mundo, assistimos aos furacões redemoinhos, o que move derruba carrega. Quando, no processo de morte,

apenas o ar subsiste como alicerce da existência, a respiração se complica: a inspiração cada vez mais exígua, a expiração mais longa. O equilíbrio entre a obtenção de fôlego e o desprendimento se perde; os ventos se desintegram na consciência e se unem em um. A respiração cessa.

Citta

1. Mente 2. Consciência (sinônimo de Viññana). Neste caso, considerar os fatores mentais (Cetasika) que compõem a mente.

Mente não deve ser entendida como pensamento. Em termos analógicos, o coração abarcaria popularmente o que se entende por mente: pureza do coração; de todo o coração; falta de coração etc. Os exemplos priorizam o lado cognitivo e emocional do que a razão e as percepções.

Dhamma

Palavra polimorfa, definindo natureza, lei, ensinamentos, fenômenos; literalmente: suporte, alicerce, mantenedor. Três das principais definições: 1. doutrina ou ensinamento, 2. retidão ou virtude, 3. condição e fenômeno.

Dhatu

Elemento; propriedade. Os quatro elementos: terra, água, ar e fogo. (*Ver Cattaro Mahabhutani.*) Mahabuta Os seis elementos incluem os mencionados, somando o espaço e a consciência.

Domanassa

Tristeza, desprazer, angústia. Uma sensação de dor mental.

Dosa

Aversão; ódio; raiva. Oposto de *Adosa*.

Dukkha

Sufrimento (físico ou mental). Aquilo que é difícil de tolerar; suportar. Trata-se de uma das Três Características (Tilakkhana), apresentando a natureza frustrante e insatisfatória dos fenômenos condicionados pela impermanência e falta de essência.

Ehipassiko

Aquilo que convida ao exame através da experiência direta.

Ekagatarammana

Unicidade da mente com um só ponto. Aquilo que permite o foco na meditação. No quarto Jhana, essa habilidade atingiu o estágio maduro.

Jhana

Absorção mental. Referência às quatro etapas meditativas da matéria sutil. O avançar dessas etapas se relaciona à evolução da concentração em um objeto, somada à suspensão temporária dos Cinco Obstáculos (*ver* Nivarana) e da ação dos sentidos. Ao mesmo tempo, existem lucidez e clareza mental. O primeiro Jhana é acompanhado por cinco fatores mentais: Vitakka (pensamento aplicado), Vicara (pensamento sustentado), Piti (êxtase), Sukha (felicidade), e Ekagatarammana (unicidade mental). O segundo Jhana é acompanhado por Piti (êxtase), Sukha (Felicidade), Ekagatarammana (Unicidade mental). No terceiro Jhana: Sukha, Ekagatarammana. No quarto Jhana: Upekkha (Equanimidade), Ekagatarammana (Unicidade mental).

Kaya

Corpo ou conjunto. O corpo físico se chamaria rupa-kaya e o mental nama-kaya.

Khandhas

Agregado; grupo. Os cinco agregados seriam bases do apego. 1. Forma 2. Consciência 3. Viññana 4. Vedana 5. Sankhara

Forma (Rupa): toda matéria. No caso do homem, o corpo. Constituem o corpo os quatro elementos primários (terra, água, fogo e ar), e os fenômenos materiais derivados desses elementos. Talvez abstrato imaginá-los no corpo; busquemos a seguinte compreensão: terra permite que os fenômenos materiais coexistentes se estabeleçam (sua característica é a dureza); água reúne os fragmentos da matéria (responsável, pela impressão de unidade); fogo responde pela temperatura (calor e frio advêm da sensibilidade a esse elemento); ar manifesta o princípio de movimento e pressão (papel de impulsionar o movimento dos fenômenos materiais). Como exemplo de fenômenos, temos os sensitivos. Determinadas matérias localizadas nos órgãos dos sentidos (nariz,

olho, ouvido, língua, pele) oferecendo suporte para a sensibilidade. Suponhamos o olho: a matéria que oferece suporte para a sensibilidade é a substância na retina capaz de captar luz e cor e, por conseguinte, permitir a consciência da visão. Além dos cinco órgãos tangíveis, no budismo acrescentamos um sexto: a mente. Como todos os demais sentidos, ela se conecta a um objeto correspondente. No caso dos olhos, as formas visíveis; no caso do ouvido, os sons; no da mente, os pensamentos. Entretanto, para saber que há contato entre órgão e objeto, é necessário um segundo agregado: a consciência.

Consciência (Viññana): A sensibilidade da presença de um objeto. Existem inúmeras consciências; não a imaginemos como entidade centralizadora. Cada matéria sensitiva, por exemplo, tem a própria consciência. Como vimos antes, a matéria oferece suporte para a sensibilidade e consciência do objeto. Suponhamos a consciência no ouvido. Ouvir um som não implica a priori “experiência pessoal”, isto é, percepção ou sensação sobre o que ouvimos. Um som é um fenômeno objetivo que também integra o que concebemos por matéria. Quando nos incomodamos com um som, está presente ao menos outro agregado, provavelmente o da sensação.

Sensações (Vedana): Distinguem-se entre agradáveis, desagradáveis ou indiferentes – isto é, configuram emoções de prazer, dor ou indiferença – e decorrem do contato entre os sentidos e seus objetos correspondentes.

Percepções (Sañña): Traduzem-se como o ato de agregar um nome (ou conceito) a uma experiência ou sensação. A atividade portanto é a de trazer o indefinido para o terreno do já assimilado. Tal processo se utiliza da associação, como quando reconhecemos uma mesa, e assim nos consideramos aptos para enquadrá-la dentro de uma série de características, porque já usamos muitas mesas. Ou ao encontrar um objeto não-identificado na gaveta de talheres, concluímos ser um utensílio de cozinha por sua localização, tamanho etc. De modo que estamos sempre tentando encaixar um objeto dentro de associações com conceitos prévios.

Formações mentais (Sankhara): Qualquer composto é uma formação. Uma floresta se forma de árvores. Uma árvore, por sua vez, de madeira e folhas. No caso deste quinto agregado, devemos entendê-lo como impressões de ações prévias, que permanecem atuando sobre nossas reações aqui e agora. Esse processo tem caráter

cíclico pois o agora se torna em breve impressão prévia; a maneira como escolhemos agir neste instante recairá como formação mental no seguinte. Da mesma forma que as sensações encerram aspecto emocional e as percepções aspecto conceitual, Sankhara está intimamente ligado à ética, visto que ações têm consequências benéficas, maléficas ou neutras.

Kilesa

Poluições que interferem na mente. No Abhidhamma são listadas dez principais: (1) Lobha (cobiça), (2) Dosa (raiva), (3) Moha (delusão), (4) Mana (presunção), (5) Ditthi (visão incorreta), (6) Vicikiccha (ceticismo), (7) Thina (torpor), (8) Uddhacca (inquietação), (9) Ahirika (não ter vergonha de cometer transgressões), (10) Anottappa (não temer cometer transgressões).

Kusala

Benéfico. Todas as intenções e fatores mentais enraizados na ausência de cobiça e desejo (Alobha), ausência de raiva e aversão (Adosa) e ausência de ignorância (Amoha). Esses estados gerariam um Kamma benéfico (visto que o resultado de causas benéficas é também benéfico).

Kama

Termo usado tanto para sensualidade subjetiva (desejos) quanto sensualidade objetiva (os objetos dos sentidos). No primeiro caso, os desejos se dirigem a todos os cinco objetos dos sentidos e equivale a desejo sensual, um dos dez grilhões (*ver* Samyojana), dos Cinco Obstáculos (Nivarana), dos quatro apegos (Upadana). Os cinco objetos dos sentidos: formas (visíveis), sons, odores, sabores e coisas tangíveis.

Kama-Loka

Uma das divisões do mundo (a mais baixa), governada pelo desejo sensual ou prazeres dos cinco sentidos.

Kamma

Ação intencional. Denota a intenção ou volição benéfica ou prejudicial (e suas

repercussões) e os estados mentais que causam as circunstâncias do renascimento de um ser vivo.

Loka

Mundo. Compreende as três esferas da existência (kama-loka): 1. o reino do plano sensual ou o dos cinco sentidos 2. o da matéria sutil (rupa-loka) 3. o reino da esfera imaterial (arupa-loka). Os seres humanos se situam no quinto plano de Kama Loka, chamado Manussa Loka.

Magga

Caminho. Em Magga encontramos o Nobre Caminho Óctuplo (aquele que nos guia ao fim do sofrimento): Visão reta, Intenção reta, Linguagem reta, Ação reta, Modo de vida reto, Esforço reto, Atenção plena reta, Concentração reta

Mara

Seriam as forças que embarreiram e testam a todo o momento a vida espiritual; tais como estados mentais não saudáveis (avidez, ódio, ignorância) ou a própria condição do que é impermanente (*ver Anicca*), sem substância (*ver Anatta*) e insatisfatório (*ver Dukkha*).

Metta

Amor bondade. Boa vontade.

Moha

Delusão; ignorância (sinônimo de Avijja).

Nama

Fenômeno mental; abrange os fatores mentais dos Khandhas.

Nibbana

Nirvana. A total libertação. Desatar a mente dos grilhões, contaminações, do ciclo de renascimentos e quaisquer outras definições e condicionamentos. Literalmente, extinguir o fogo (“cessar por sopro” ou “resfriar por sopro”), o que equivocadamente se

interpretou como autoaniquilação por alguns (ponto de vista rejeitado por Buda). Alcançar o Nibbana é alcançar um estado permanente e de não retorno ao mundo.

Nivarana

Desejo sensual (Kamacchanda), Má vontade (Vyapada), Torpor e preguiça (Thina-middha), Inquietação e ansiedade (Uddhaca-Kukkuca) e Dúvida (Vicikiccha).

Desejo sensual: reside na busca pela felicidade baseada nos sentidos tangíveis: visão, audição, olfato, paladar e tato. Visualizemos um Bon-vivant. Um bon-vivant iguala prazer à servidão do desejo sensual: saciar os sentidos através de comida, bebida, música, sexo, filmes, livros etc. Todavia dificilmente administra com saúde o fim desses prazeres, encarando-o como uma privação do mundo.

Má vontade: revela o gozo em ferir ou aniquilar. Une-se à raiva, ódio, mágoa culpa ou antipatia e armazena energia vibrante e sedutora, que nos obscurece o discernimento. Impede a amizade amorosa (Metta) ao anular a compaixão em favor da preservação do rancor e do ressentimento — agarra algum fato ou ação nociva que outro cometeu (às vezes, nem se trata de ação nociva, somente gesto que nos abalou o sentido de ego), em vez de admitir o perdão. Um dos trechos do Sutta do Amor Bondade (Karaniya Metta Sutta) que ensina como se desfazer da má vontade recorre à posição de uma mãe que coloca em risco a própria vida para proteger seu filho único. O que se sugere é o cultivo de um coração ilimitado que abraça todos os seres vivos. Todos. De todas as formas, cores, tamanhos, densidades, texturas. Em suma, que o amor dessa mãe com seu único filho seja cultivado por nós em relação a todos os seres.

Torpor e preguiça: devem ser combatidos com o fortalecimento da energia, disposição de agir com a mente não poluída pela presunção do eu-já-sei. Mente de principiante, hábil para descobrir no mesmo objeto todo dia o não assimilado. A inquietação se caracteriza pela mente incapaz de satisfação, sempre idealizando situação melhor, depositando na matéria ou em circunstâncias mundanas a crença de felicidade. Podemos reconhecê-la em comentários como *se não fosse por isso/ficaria melhor se*, que delatam o descontentamento com o presente e o equívoco de que outro presente solucionará o problema.

Inquietação e ansiedade, no caso dos Cinco Obstáculos, trata da ruminação do passado. Normalmente a detectamos no famoso *eu não deveria ter dito/ não deveria ter feito*; espécie de remorso em relação ao que cometemos.

Dúvida: mina a confiança na evolução. Por exemplo, quando alguém afirma *não sou capaz de meditar* ou é atormentado por questões do tipo *estou fazendo certo/será que funciona*. Suponhamos o ato de dirigir um carro. Natural nos instruímos sobre suas funções: embreagem, volante, retrovisor, freio. Mas, depois que ultrapassamos a etapa da autoescola e das primeiras excursões pela cidade, precisamos adquirir confiança no que aprendemos, e seguir adiante (cientes da escolha da estrada), senão pararemos a cada minuto devido a *será que devo sair da primeira marcha?* Se permitirmos a constante interrupção por dúvidas dessa natureza, o carro vai morrer, engasgar diversas vezes ou andar aos trancos e barrancos. Não se trata de dispensar a atenção e dirigir de maneira autômata; devemos conservar total atenção mas perseverarmos com autoconfiança.

Opanayiko

Que conduz para adiante. Uma característica do Dhamma. Um estágio da vida que leva alguém à liberação.

Pabhassara

A mente naturalmente luminosa, sem ceder às contaminações (*ver* Kilesa) que a poluiriam.

Pañca-Sila

Os cinco preceitos: 1. *Panatipata veramani sikkhapadam samadiyami* (Eu observo o preceito de abster-me de matar seres vivos) 2. *Adinnadana veramani sikkhapadam samadiyami* (Eu observo o preceito de abster-me de tomar o que não for dado) 3. *Kamesu micchacara veramani sikkhapadam samadiyami* (Eu observo o preceito de abster-me de comportamento sexual impróprio) 4. *Musavada veramani sikkhapadam samadiyami* (Eu observo o preceito de abster-me da linguagem incorreta) 5. *Suramerayamajja pamadatthana veramani sikkhapadam samadiyami* (Eu tomo o preceito de abster-me do vinho, álcool e outros embriagantes que causam a negligência)

Pañña

Sabedoria, insight; compreensão; conhecimento; entendimento.

Passaddhi

Tranquilidade. Calma dos sentidos resultante da serenidade da mente. Um dos sete fatores da iluminação.

Paticca-Samuppada

A Origem Dependente normalmente se ilustra nos livros através de uma imagem que simboliza a Roda da Vida (em sânscrito, Bhavacakra). A representação propõe o entendimento de que todos os fenômenos dependem entre si para existir. Uma figura – que, a nossos olhos condicionados, à primeira vista não suscita muita simpatia – sustenta com dentes e garras essa roda (por conseguinte, tudo dentro dela). A figura encena a impermanência. Fora do círculo avistamos Buda; devemos reconhecer na sua posição de “fora” da roda também o potencial humano para sair do ciclo de delusão: “Quando existe isso, aquilo existe. Com o surgimento disso, aquilo surge. Quando não existe isso, aquilo também não existe. Com a cessação disto, aquilo cessa.”

Lembremos dos Cinco Agregados. A velocidade com que se apoiam um no outro permite que fomentemos a ilusão de um ego. Com a Origem Dependente ocorre o mesmo e não distinguimos os grilhões movendo a Roda da vida. A verdadeira compreensão dessa interdependência e impermanência dos fenômenos já nos capacitaria a aceitar a coerência de Anatta (Vazio/Não-eu), visto que no máximo enxergaríamos fatores condicionados interagindo. Para traçar o percurso dessa interação, geralmente os budistas lançam mão de doze elos. Contudo não nos apeguemos à linearidade, visto que todos contêm a semente dos demais: 1. Ignorância (Avijja) 2. Formações ou ações volitivas (Sankhara) 3. Consciência (Viññana) 4. Fenômenos materiais e físicos (Namarupa) 5. Seis suportes dos sentidos (Salayatana) 6. Contato (Phassa) 7. Sensação (Vedana) 8. Desejo (Tanha) 9. Apego (Upadana) 10. Vir-a-ser (Bhava) 11. Nascimento (Jati) 12. Envelhecimento e morte (Jara-marana)

Thich Nhat Hanh levanta ressalvas que nem sempre encontramos na exposição dos doze elos. O mestre Zen acentua a suprema importância de vermos que o “sofrimento” ocasionado não resulta da existência dos elos, e sim da Ignorância que nos

leva a não transformá-los em conexões benéficas. A omissão dessa outra visão contribui para interpretações como a de que Buda nos propunha a destruição do ser ao referir-se à cessação do ser (Bhava). Não se trata de destruir, e sim de não se apegar, tanto ao ser quanto ao não ser (Vibhava); de transformar a ignorância em entendimento claro; e, consequentemente: usar os elos com sabedoria. Afinal, essa roda não precisaria ser um ciclo de sofrimento se as mentes das pessoas não estivessem obscurecidas pelos Cinco Obstáculos (*ver* Nivarana); o ciclo pode ser paradisíaco se o ser humano não seguir a delusão, prestando atenção à cada etapa sobre a qual temos a escolha de agir.

Pavattati

Continuidade; existência; seguir adiante.

Piti

Êxtase. Um dos sete fatores da iluminação (*bojjhanga*). Sensação de prazer obtida pelo corpo ao alcançar o segundo Jhana.

Raga

Paixão, desejo. Sinônimos: Lobha e Tanha

Rupa

Fenômeno material, forma.

Sacca

Verdade. As Quatro Nobre Verdades resumem os ensinamentos de Buda. A verdade da existência do sofrimento (Dukkha), de sua causa (Tanha), da Cessação (Nibbana) e do caminho que leva à cessação (*ver* Magga).

Sampajañña

Plena consciência, clara compreensão. Evocada pelo Buda na prática de Plena atenção (Satipatthana).

Samsara

Ciclo de morte e renascimento dos seres vivos (que depende da morte e do renascimento das poluições mentais. *Ver* Kilesa.)

Samyojana

Grilhões que prendem a mente ao ciclo de nascimento e morte. Entre eles, 1. a ideia de existência de um eu (*Sakkaya-ditthi*) 2. o ceticismo (*Vicikicchā*) 3. apego a preceitos e rituais (*Silabbata-paramasa*) 4. desejo sensual (*Kama-raga*) 5. má vontade (*Vyapada*) 6. desejo pela forma (*Rupa-raga*) 7. desejo pelos fenômenos sem forma (*Arupa-raga*) 8. presunção (*Mana*) 9. inquietação (*uddhacca*), e 10. ignorância (*avijja*). Entendem-se os cinco primeiros grilhões como inferiores porque resultam no renascimento no reino da esfera sensual (Kama-loka). Aquele que se libertou dos três primeiros: Sotapanna, o que entrou na correnteza. Aquele que superou os três primeiros e razoavelmente o quarto e o quinto: Sakadagami, o que retorna uma vez. Aquele que se libertou plenamente dos cinco: um Anagami, o que não retorna. Aquele que se libertou plenamente dos dez: um Aranhat, perfeito iluminado.

Sanditthiko

Visível no aqui e agora. Característica do Dhamma.

Sangha

Convencionalmente, a comunidade monástica budista; idealmente, referindo-se sobretudo aos discípulos do Buda (leigos ou ordenados) que alcançaram ao menos o estágio de entrar na correnteza. (*Ver* Sotapanna.) Mas atualmente o termo se estendeu ao sentido mais amplo da comunidade de discípulos no caminho budista. Na dissertação, o sentido é ampliado para além do budismo.

Sankhara

Formação, composto (forças e fatores que criam e fabricam coisas físicas ou mentais). O processo de criação e o resultado. Sankhara se refere a qualquer coisa formada ou estruturada por condições, inclusive parte do que consideramos *eu*. (*Ver* Khandhas)

Sattipathana

Fundamentos da atenção plena; divididos em quatro focos de observação enquanto ocorrem: corpo, sensações, estados mentais e objetos mentais.

Sila

Ética e virtude; o esforço de viver em harmonia com todos os seres vivos.

Silabbata-paramasa

Apego aos rituais e regras. Um dos cinco grilhões inferiores (*ver* Samyojana) e um dos quatro tipos de apego (*ver* Upadana).

Somanassa

Alegria, prazer mental.

Sotapanna

Aquele que entrou na correnteza. (*Ver* Arahant.)

Sukha

Prazer, felicidade.

Tanha

Sede. Desejo pela sensualidade (Kama Tanha), por existir ou se tornar (Bhava Tanha), por não existir ou se livrar de alguma coisa (Vibhava Tanha). Causa do sofrimento (Segunda Nobre Verdade) e do ciclo de renascimentos.

Tilakkhana

As três características da existência: Impermanência (Anicca), Sofrimento/Insatisfação (Dukkha), Anatta (Não-eu). A compreensão através da experiência direta das Três Características conduz ao Insight libertador.

Tipitaka

Ti(três)pitaka(cestos). Ensinaamentos do Cânone Pali, divididos entre a ética (Sila), o

desenvolvimento da mente/meditação (Bhavana) e a sabedoria (Pañña). O primeiro cesto, Vinaya Pitaka, estaria relacionado à ética, e expõe o código de disciplina destinado à comunidade monástica. O segundo, o Sutta Pitaka, contém os discursos do Buda em seus quarenta e cinco anos de ensino. E, por fim, o Abhidhamma Pitaka discorre de maneira sistemática sobre a doutrina já apresentada nos Suttas, valendo-se de matrizes para apresentar a natureza da mente e da matéria.

Tiratana

Os três refúgios: o Buda, o Dhamma e a Sangha.

Upadana

Apego, intensificação do desejo. Tanha. Os quatro tipos de apego: à sensualidade, às ideias, a preceitos e rituais, à crença na existência de um eu.

Upekkha

Equanimidade. A capacidade de não se apegar (\neq apatia e indiferença) e fluir junto a cada momento. Um dos sete fatores da iluminação (*ver* bojhangas).

Vedana

Sensações. Os prazeres, desprazeres ou sensações neutras (em termos físico, psicológico ou fisiológico) derivam de Vedana.

Vibhava

Desejo de se livrar de alguma coisa; desejo pela não existência, pela autoaniquilação.

Vicara

Pensamento sustentado. Ou, na meditação, o fator que permite à mente permanecer firmemente conectada com o objeto. *Vicara* também é descrito como a fricção da mente sobre o objeto.

Vicikiccha

Ceticismo, dúvida. Um dos Cinco Obstáculos (*ver* Nivarana), um dos Cinco grilhões inferiores (*ver* Samyojana).

Vipassana

Insight. Ver com clareza, com discernimento. O insight conduziria a vida a uma transformação; isto é, a verdade do insight depende de sua aplicação no cotidiano. Nos suttas, o primeiro estágio de insight: ver as coisas como são (Yatha bhuta ñanadassana); neste ocorre o insight da impermanência, insatisfação e não-essência de todos os fenômenos. O insight é a grande libertação do Budismo; mas exige o desenvolvimento da ética (Sila) e atenção plena. Jamais o insight se realiza apenas com a compreensão intelectual, e necessita da experiência direta.

Viraga

A mente despovoada de desejo e raiva; totalmente distante do apego a todos os fenômenos. Através de Viraga se trilha um caminho supramundano.

Vitakka

Pensamento aplicado. Também equivaleria à intenção correta, o segundo passo do Nobre Caminho Óctuplo. Usado nos suttas frequentemente como pensamento. Um pensamento pode ser benéfico ou não-benéfico, sob ponto de vista kammico. Os pensamentos não-benéficos (*ver* akusala) seriam aqueles conectados a raiva e crueldade. Os benéficos seriam os de renúncia, não raiva e não crueldade.

Yatha bhuta ñanadassana

Entendimento do processo das coisas. (As Três características que condicionam todos os fenômenos da existência; *ver* Tilakkhana.) Representa o primeiro estágio no processo de Insight (*ver* Vipassana).

Referências dos mapas de citações de *Por uma literatura da plena atenção* de acordo com a primeira frase

Página 24

Vi que não há natureza, (*Ficções do Interlúdio*, p.164) Mas toda a ciência desta Terra não me dirá nada que me assegure que este mundo me pertence (*O mito de Sísifo*, p. 33) Personagem também é ATITUDE – um *contexto* – uma maneira de agir ou sentir que revela a opinião de uma pessoa. (*Manual do Roteiro*, p. 28) Dorothee: Lamente-se, minha querida em não poder levá-los mais longe. Se soubesse como se extravai minha imaginação quando estou no prazer! (*Ciranda dos libertinos*, p.110) Como fazer de seus personagens gente real, multidimensional? (*Manual do roteiro*, p.21) We may know when we have akusala cittas rooted in lobha (attachment) or akusala cittas rooted in dosa (aversion), but do we know when we have akusala cittas rooted in moha(ignorance)? (*Abhidhamma in Daily Life*, p.45) Mas esse ainda não é o momento para acertar as contas com o pensamento científico: (*Certeza do agora*, p.77) Planejamos e plantamos, vamos colher. (*A roda da vida*, p.69) O papel das crianças na família traz novas regras para as relações entre pais e filhos. (A infância escolarizada dos modernos. p.92) Para a maioria o pensamento acompanha os objetos sensoriais e, para onde for que nos levem, seguimos. Entretanto, pensamento e sabedoria são coisas diversas: (*Uma tranquila lagoa na floresta*, p. 59) Eu pensava em Lulu e, se isso não é tudo, já é o suficiente, na minha opinião. (Primeiro amor, p. 16) Mas eu ainda não sabia, naquela época, o quanto a Terra pode ser gentil para com aqueles que só têm a ela, e quantas sepulturas podemos encontrar nela, para os vivos. (*Primeiro amor*, p. 32)

Página 29

Tornei-me, portanto, um ator e um simulador de identidades (*Certeza do agora*. p.73) Qual é o ponto de vista do seu personagem? (*Manual do Roteiro*. p.27) Ser sujeito escolar é jogar um jogo no qual se é jogador e jogado ao mesmo tempo. (*A infância escolarizada dos modernos*, p.81) Gráfico de um personagem. (*Manual do roteiro*, p.19) Justine: Mas, senhora, quanta perversidade não há nisso! (*Ciranda dos Libertinos*, p.111) Aqui, vamos batizar nosso protagonista. (*Roteiro*, p.65) Torna-se cada vez mais difícil respirar. (*O livro tibetano do viver e do morrer*. p.321) O que

conheço menos mal são minhas dores. (*Primeiro amor*, p. 12) Um personagem é um ser *único*, tem sua impressão digital como qualquer ser humano; (Roteiro, p.66) No cinema, a câmera carrega o espectador para dentro mesmo do filme. (*A experiência do cinema*, p.85) E esse é propriamente o momento letal em que a criança se extravia na direção da argamassa-mundo (*Certeza do agora*, p.77) Sim, eu a amava, é o nome que eu dava, que ainda dou, ai de mim, ao que eu fazia, naquela época. (*Primeiro Amor*, p.14) O personagem é o fundamento essencial de seu roteiro. (*Manual do roteiro*, p.18) A invenção torna-se assim condição epistemológica (*A infância da educação: o conceito devir-criança*)

Página 33

“Ele me maltratou, ele me bateu, ele me derrotou, ele me roubou”, (*Dhammapada*, p. 17); Quando a mente é perturbada, produz-se a multiplicidade das coisas; (*O tao da física*, p. 26) O que nos separa? (*Manual do roteiro*, p.27); Em tempos passados, em Nova Iorque, (*Um homem que dorme*, p.109) "Agregado" traduzido também por "grupo", (*Dhammapada*, p. 248) O céu é eterno e a Terra duradoura (*Tao Te king*, p.43) Imagine uma pessoa que subitamente acorda num hospital depois de sofrer um acidente de carro na estrada, (*O livro tibetano do viver e do morrer*, p. 159) Era uma vez um lugar com um pequeno inferno e um pequeno paraíso, (*Lugar Lugares*, p. 43) Em contraste com a visão mecanicista ocidental, (*O tao da física*, p. 26) Cinco Agregados são a base do sofrimento e da confusão, porém eles também são a base da paz, da alegria e da liberação. (*Transformação e cura*, p.141) Antes de nascermos, não tínhamos sentimentos: éramos um com o universo. (*Mente Zen, Mente de principiante*, p. 90) A Duclos encarrega-se de contar e marcar. (*Ciranda dos libertinos*, p. 232) Mas aos vinte e cinco anos ele ainda está sujeito à ereção, (*Primeiro amor*, p. 10)

Página 37

Raras são as pessoas que não sofrem em algum nível. A pessoa que nos fez sofrer, sem dúvida alguma, está sofrendo também. (*Transformação e cura*, p. 104) Pois eu ontem estive a falar com ela, e ela disse: sou uma mulher honesta. (*Lugar lugares*, p.44) não devemos ser apegados a ser e não-ser. (*Transformação e cura*, p. 140) Começamos a alucinar e a ter visões: (*O livro tibetano do viver e do morrer*, p. 321) A

liberação não é escapar ou abandonar os Cinco Agregados. (*Transformação e cura*, p. 140) O que é preciso é ser-se natural e calmo (*Ficções do interlúdio*, p.151) Enquanto importar aquilo que se faz, haverá dualismo. A ideia da "participação em vez de observação" só foi formulada na Física moderna recentemente; mas é uma ideia bem familiar aos estudantes do misticismo. (*O tao da física*, p.111) (*Mente Zen, mente de Principiante*, p.40) Quando estamos em contato com o sofrimento dos outros, um sentimento compassivo nasce, imediatamente, dentro de nós. (*Transformação e cura*, p.102) A palavra Karma significa “ação” e denota a inter-relação “ativa” ou dinâmica de todos os fenômenos. (*O tao da física*. p.147)

Página 42

Algumas vezes, quando ensino essas coisas, depois alguém se aproxima de mim e diz: “Tudo isso parece tão óbvio! Eu sempre soube disso. Diga alguma coisa nova”. (*O livro tibetano do viver e do morrer*, p. 49) Pozzo: Stop! (Lucky stops.) Back! (Lucky moves back.) Stop! (Lucky stops.) Turn! (Lucky turns towards auditorium.) Think! (*Waiting for Godot*, p.141) Podemos ver a conexão entre o consumo de álcool e os acidentes de automóveis. (*Transformação e cura*, p.78) Em palavras simples o que significa carma? (*O livro tibetano do viver e do morrer*, p.129) Um economista da Universidade de Paris, certa vez, concluiu: (*Transformação e cura*, p.78) Sati arises with each wholesome citta; (Abhidhamma in daily life, p.49) Água. Começamos a perder o controle dos fluidos do nosso corpo. (*O livro tibetano do viver e do morrer*, p.320) Mindfulness (sati): (*A comprehensive manual of Abhidhamma*, p.86) Nada comparável a este efeito de "identificação" já ocorreu em qualquer outra forma de arte (*A experiência do Cinema*, p.85) se uma criança pergunta à mãe o que é e como é um tigre, (*A vertigem das listas*, p.218)

Página 47

Mas hoje ninguém dispõe do tempo e do espaço necessários para manter-se fiel ao próprio informado. (*Certeza do Agora*, p.65) Você nem mesmo devaneia, já que só podem fazê-lo aqueles que roubam tempo para isto, os preciosos minutos que roubam dos seus horários (*Um Homem que dorme*, p.70) para a esterilidade da passagem do tempo e para a impossibilidade visível de ainda tentar significar em um mundo

esvaziado de sentido, (*Matando o tempo: o impasse e a espera*, p.23) "Não pensar em nada" é abrir espaço (*Caeiro Zen*, p.159) Em nossos dias, nossa atitude é demasiado yang. (*O tao da física*, p.228) O infortúnio não desabou sobre você, não apanhou-o de surpresa; (*Um homem que dorme*, p.89) observação com mente atenta sem comentar, sem adotar qualquer atitude em relação ao objeto que você está observando. (*Transformação e cura*, p.147) Ela me incomodava profundamente, mesmo ausente. (*Primeiro amor*, p. 12) Se o motor dramático é o diálogo e as personagens apenas logram a se constituir na contraposição de vontades, (*Matando o tempo: o impasse e a espera*, p.23) Mas, voltando à ilusão: saber racionalmente que uma ilusão é uma ilusão é coisa que os homens inteligentes e observadores acabam sabendo. Mas com frequência caem no lado oposto, isto é, abraçam o niilismo ou o pragmatismo imoral. (*Zen – experiência direta de libertação*, p. 44) ao longo da substituição de versões, Beckett opta pela supressão de tudo que, além de indevidamente direto, é excessivo (*Matando o tempo: o impasse e a espera*, p.22) Você pode ainda surpreender-se com o porquê da combinação, (*Um Homem que Dorme*, p.51) Ver, realmente, o particular concreto, é uma experiência sempre inaugural, um conhecimento e não um reconhecimento. (*Caeiro Zen*, p.125)

Página 49

O MEU OLHAR é nítido como um girassol. (*Ficções do interlúdio*, p.137) Os fenômenos mentais têm como precursora a mente, (*Dhammapada*, p.17) Conhecer o não conhecimento/é o bem supremo./Não conhecer o que é conhecimento/é um tipo de sofrimento. (*Tao Te King*, p.110) Minuto após minuto, hora após hora, dia após dia, estação após estação, algo vai começar e nunca terá fim: (*Um Homem que dorme*, p.42) Quanto a esse Buda que a literatura ocidental se deleitou em pintar com o aspecto de um indolente sonhador, de um niilista elegante, desdenhando a vacuidade do esforço, esta rápida nota biográfica que consagramos ao filósofo hindu deve fazer justiça. (*O budismo de Buda*, p.52) No lugar da nossa forma contemporânea de dúvida niilista, então, pediria a você que pusesse o que chamo de “dúvida nobre”, (*O livro tibetano do viver e do morrer*, p.168) Quando um homem descobre o próprio ser mediante um ato de pensamento, ele está descobrindo apenas um pedaço construído e secundário de si mesmo (*Certeza do agora*, p.63) Não acreditar que dizendo-se sim ao sexo está dizendo não ao poder (*História da sexualidade – a vontade de saber*, p.171) O rato, no seu

labirinto é capaz de verdadeiras proezas: (*Um homem que dorme*, p.112) Você aguarda, você espera. (*Um Homem que dorme*, p.95) A teoria quântica mostrou que as partículas não são grãos isolados de matéria, mas padrões de probabilidade, interconexões numa teia cósmica inseparável. (*O tao da física*, p. 156) Descobre, às vezes, quase com uma espécie de embriaguez, que você é livre, (*Um homem que dorme*, p.60) Notemos que a infância não é apenas uma questão cronológica.: a infância é uma condição da experiência. (*Lugares da infância*, p.54) Quando você ouve alguém, deve deixar de lado suas ideias preconcebidas e opiniões subjetivas: (*Mente Zen, mente de principiante*, p.83) Não é o momento em que colocamos a criança numa relação de continuidade conosco e com nosso mundo (para que se converta em um de nós e se introduza em nosso mundo), mas o instante da absoluta descontinuidade; (*Pedagogia profana: danças, piroetas e mascaradas*, p.187)

Página 51

Você está só. (*Um Homem que dorme*, p.45) A Natureza é partes sem um todo. (*Ficções do interlúdio*, p.164) Somente os imbecis falam ainda sem rir do Homem, do Animal, do Caos. (*Um Homem que Dorme*, p.112) Dividida em gotas ou não, a água é água. (*Mente Zen, mente de Principiante*, p.90.) Quinhentas mil notícias passaram sob seus olhos tão escrupulosos e atentos que você até ficou sabendo da tiragem deste número, (*Um Homem que dorme*, p.51) Fomos educados num vício estéril da contradição (*O livro tibetano do viver e do morrer*, p. 168) Contudo, para que alimentar-se delas, para que decifrá-las? (*Um homem que dorme*, p.51) A ideia que tenho de mim mesmo e a ideia que tenho da sociedade já são em si um dualismo. (*Zen – experiência direta de libertação*, p.45) Que maravilhosa invenção é o homem! (*Um homem que dorme*, p.111) E no tal lugar, de manhã; as pessoas acordavam. Bom dia, bom dia. (*Lugar Lugares*, p.44) Mas você, com olhar mortiço, nada mais é do que um fantasma transparente. (*Um Homem que dorme*, p.88) E eu, pensando em tudo isto,/Fiquei outra vez menos feliz. (*Ficções do interlúdio*, p.139) Chegar ao fundo nada quer dizer. (*Um homem que dorme*, p.113) Verneuil. A senhora me agrada infinitamente. (*Ciranda dos Libertinos*, p.149) Como um prisioneiro, como um louco em sua cela. (*Um Homem que dorme*, p.95) Ah, os sentidos, os doentes que vêem e ouvem! (*Ficções do interlúdio*, p.161) Você vagueia, porém a multidão não o carrega mais, a noite não o protege mais. (*Um*

homem que dorme, p.94) O que faz o fascínio de nossa terra, exceto obviamente o fato de ser pouco povoada, (*Primeiro amor*, p. 14)

Página 53

Sade vincula a análise exaustiva do sexo aos mecanismos exasperados do antigo poder de soberania e aos velhos prestígios inteiramente mantidos do sangue; (*História da Sexualidade*, p.162) Não é a morte que "apaga a chama" da vida pessoal. (*O Budismo de Buda*, p.177) Pensar incomoda como andar à chuva (*Ficções do Interlúdio*, p.135) O Carma representa, na realidade, a concepção budista da lei fundamental, una em sua essência, múltipla em suas manifestações, da Vida universal; (*O budismo de Buda*, p.160) Nossa mente, no entanto, está marcada e confundida pela dúvida. (*O Livro Tibetano do Viver e do Morrer*, p.167) (nibbāna, P; nirvāna, S). Literalmente, a palavra tanto pode significar ser extinguido” (extinção), “cessar por sopro”, quanto “resfriar por sopro”. (*Dhammapada*, p.251) Assim, o modelo ideal proposto pelo budismo não é o anacoreta, o eremita ou o religioso encerrado numa clausura e alheio ao mundo, (*O budismo de Buda*, p.195) E desde o início, desde que cheguei ao mundo, adentrando no lugar-maternidade, (*Certeza do agora*, p.66) Muitos mestres orientais enfatizam o fato de que o pensamento deve ter lugar no tempo mas que a visão pode transcendê-lo. (*O tao da física*, p.145) Jogar fora as ideias que temos de nós mesmos. Mas principalmente as convicções de estarmos certos ou estarmos errados. (...) A mente é o indivíduo e a sociedade numa só realidade. (*Zen – experiência direta de libertação*, p.44.)

Página 57

Mas é temerário falar e discorrer sobre filosofia. (*Certeza do agora*, p.64) O som do aplauso é feito com as duas mãos e pensamos que aplaudir com uma só mão não produz som algum. Mas, na verdade, uma mão é som. (*Mente Zen, mente de principiante*, p.59) Personagem é PERSONALIDADE. (*Manual do roteiro*, p. 29) O Nirvana é o repouso infinito; (*O budismo de Buda*, p.164) However, we usually know only the world of concepts. (*Abhidhamma in daily life*, p. 45) Esses são sinais de que o elemento Terra está-se retirando no elemento água. (*O livro tibetano do viver e do morrer*, p.320) A partir daquele dia as coisas foram de mal a pior naquela casa, (*Primeiro Amor*, p.32) Quando os místicos orientais dizem que vivenciam todos os eventos e todas as coisas

como manifestações de uma unidade básica, isso não significa que consideram iguais todas as coisas. (*O tao da física*, p.113) E então as condições sociais? Sim, melhoraram bastante. Mas uma delas começou a beber, e depois o coração estourou, e ficou apenas para os outros uma memória incômoda. (*Lugar Lugares*, p.46) Olhando para as nossas sensações, podemos ver hábitos fisiológicos, físicos e psicológicos; não apenas os nossos próprios hábitos, mas também aqueles hábitos sociais cujos produtos estamos consumindo. (*Transformação e cura*, p. 78) Por mais que eles se lavem, os vivos, por mais que se perfumem, eles fedem. (*Primeiro Amor*, p. 2) Mas para passar agora a um assunto mais alegre, o nome da mulher a quem me uni, pouco tempo depois, o apelido, era Lulu. (*Primeiro Amor*, p. 8) Mas eu nem sempre quero ser feliz./ É preciso ser de vez em quando infeliz/ Para se poder ser natural... (*Ficções do interlúdio*, p.151) Reflita sobre isto: a realização da impermanência é paradoxalmente a única coisa que podemos manter, talvez nosso bem último. (*O livro tibetano do viver e do morrer*, p. 47)

Página 61

Deveríamos definir o que significa desejo. (*Transformação e cura*, p.69) O indivíduo é a sociedade e a sociedade é o indivíduo. (*Zen – experiência direta de libertação*, p. 45) Quando ouvimos alguém no elogiar, podemos ter uma sensação agradável. (*Transformação e cura*, p.79) Assim, pois, é absolutamente necessário para cada um acreditar no nada. Mas isso não significa niilismo. (*Mente Zen, mente de principiante*, p.113) Terra. Nosso corpo começa a perder toda sua força. (*O livro tibetano do viver e do morrer*, p.319) “Grilhões”. São dez os grilhões que amarram os seres ao oceano da existência: (*Dhammapada*, p. 253) Moha is dangerous, it is the root of all akusala. (*Abhidhamma in daily life*, p. 50) Nossa sociedade promove a esperteza no lugar da sabedoria. (*O livro tibetano do viver e do morrer*, p. 167)

Página 64

Você perdeu seus poderes. (*Um homem que dorme*, p.89) Em Beckett, as palavras não são mais propulsoras da ação (*Matando o tempo: o impasse e a espera*, p.25) No movimento da borboleta o movimento é que se move. (*Ficções do interlúdio*, p.160) ou *stream of consciousness*: (*A vertigem das listas*, p.282) Todavia, os textos ficcionais, apesar de seus enunciados costumarem ostentar o hábito exterior de juízo, (*A*

personagem de ficção, p. 20) Você nunca está apressado, (*Um homem que dorme*, p.70) Enquanto crítico, eu já me achava cineasta. (*A ideia do cinema*, p.148) O diálogo de surdos que aqui se trava não é apenas com o mundo e com as suas criaturas. (*Matando o tempo: o impasse e a espera*, p.25) Julio. (*Borges*, p.7) Então, subitamente, a nossa exalação cessa. (*O livro tibetano do viver e do morrer*, p. 322) Quantas vezes você refez os mesmos gestos mutilados, (*Um Homem que dorme*, p.90) Nesse sentido, a *enumeratio* é uma forma de acumulação (*A Vertigem das Listas*, p.133). Se as *coisas impossíveis* podem ter mais efeito de veracidade que o material bruto da observação ou do testemunho (*A Personagem de Ficção*, p.78) patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza. (*A Personagem de Ficção*, p.21) Às vezes me pergunto se tudo isso não é invenção, (*Primeiro Amor*, p. 12)

Página 69

O essencial é saber ver (*Ficções do interlúdio*, p.152) Para chegar ao conhecimento direto das coisas pela mente-corpo, é necessário todo um trabalho de desaprender. (*Caeiro Zen*, p.124) Observar todos os darmas, mas sem gerar quaisquer ideias fixas. (*Transformação e Cura*, p. 146) Como é possível saborear alguma coisa se não podemos possuí-la? Quantas vezes o apego é tomado por amor! (*O Livro Tibetano do Viver e do Morrer*, p.59) Sempre que os místicos orientais expressam em palavras seu conhecimento – seja através de mitos, de símbolos, de imagens poéticas ou de afirmações paradoxais –, estão muito conscientes das limitações impostas pela linguagem e pelo pensamento “linear”. (*O Tao da Física*, p.41) The method of dependent arising: (*A comprehensive manual of Abhidhamma*, p. 295) É um termo técnico designativo dos estágios de progressão através de certos estados mentais, (*Dhammapada: a senda da virtude*, p. 248) Saúdo todos os que me lerem, (*Ficções do Interlúdio*, p.136) A filosofia "Caeiro" não é uma resposta idealista-otimista (o mundo é belo), mas uma resposta *realista*, no sentido literal da palavra (o mundo é). (*Caeiro Zen*, p.158) Com a classificação de Borges, a poética da lista atinge seu ponto de máxima heresia (*A vertigem das listas*. p.396) O Carma, assim, não é fatalista nem predeterminado. (*O Livro Tibetano do Viver e do Morrer*, p.132) O método ensinado pelo Buda no Sutra dos Quatro Estabelecimento da Mente Atenta claramente expressa o espírito da não-violência e não-conflito. (*Transformação e Cura*, p.141) O conhecimento racional é, dessa forma, um sistema de símbolos e conceitos abstratos

caracterizado pela estrutura sequencial e linear tão típica de nosso pensamento e de nossa fala. (*O Tao da Física*, p.29) Nibbāna os nāma. However, it is not citta or cetasika, paramattha dhammas which arise because of conditions and fall away. (*Abhidhamma in daily life*, p. 14)

Página 77

Ser capaz de respirar pode ser uma grande fonte de felicidade, (*Transformação e cura*, p. 80) Nesse ponto tocamos numa das funções capitais da ficção, que é a de nos dar um conhecimento mais completo, mais coerente do que o conhecimento decepcionante e fragmentário que temos dos seres. (*A personagem de ficção*, p.64) Todos os darmas – físicos, fisiológicos e psicológicos – são objetos da mente. (*Transformação e cura*, p.135) Não dizer nada pode ser muito bom, mas também não há razão para que se fique sempre calado. (*Mente Zen, mente de principiante*, p. 88) Darmas são o objetos da mente, assim como o som é o objeto da audição. (*Transformação e cura*, p.135) Quanto mais penetramos no mundo submicroscópico, mais compreendemos a forma pela qual o físico moderno, à semelhança do místico oriental, passa a perceber o mundo como um sistema de componentes inseparáveis, (*O tao da física*, p. 27) O que penso eu do mundo? Sei lá o que eu penso do mundo! (*Ficções do Interlúdio*, p. 139) Quanto mais compreendemos nosso caminho, mais difícil se torna falar sobre ele. (*Mente Zen, mente de Principiante*, p. 86)

Página 85

O budismo ensina formalmente o perigo moral das esperanças que concernem ao além da morte. (*O Budismo de Buda*, p.164) Na prática chamada pura observação, a mente atenta já começou a influenciar o objeto da consciência. (*Transformação e Cura*, p. 137) O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério! (*Ficções do Interlúdio*, p. 139) Mas quem me mandou a mim querer perceber? (*Ficções do Interlúdio*, p.152) As coincidências da filosofia de Caeiro com o Zen, e de parte de sua poesia com os haicais japoneses, não resulta, evidentemente, de uma filiação voluntária, mas de uma confluência na busca filosófica, existencial e estética. (*Caeiro Zen*, p.155) E o dualismo original, gerador de todos os outros, está desde o começo na ideia falsa que fazemos da mente. (*Mente Zen*, p.44) Quando os místicos orientais falam em "ver", referem-se a um

modo de percepção que pode incluir a percepção visual mas que sempre e essencialmente transcende-a para se tornar uma experiência não-sensorial da realidade. (O Tao da Física, p. 35) Porque tudo hoje se encontra radicalmente tamponado e suturado, não há espaço para a realização da filosofia como sofia e da sofia como literatura. (A Certeza do Agora, p.65) As palavras verdadeiras não são bonitas/ As palavras bonitas não são verdadeiras. (Tao Te King, p. 120) Desse modo, o ego é a ausência do conhecimento verdadeiro de quem somos (O Livro Tibetano do Viver e do Morrer, p. 159)

